CEAJUD

CURSO
COMUNICAÇÃO SOCIAL, JUDICIÁRIO
E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

UNIDADE 4:

A comunicação e a linguagem racial



CNJ

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA

Presidente
Ministro Luiz Fux

Corregedora Nacional de Justiça
Ministra Maria Thereza Rocha de Assis Moura

Conselheiros
Ministro Emmanoel Pereira
Luiz Fernando Tomasi Keppen
Mário Augusto Figueiredo de Lacerda Guerreiro
Rubens de Mendonça Canuto Neto
Candice Lavocat Galvão Jobim
Tânia Regina Silva Reckziegel
Flávia Moreira Guimarães Pessoa
Ivana Farina Navarrete Pena
André Luis Guimarães Godinho
Marcos Vinícius Jardim Rodrigues
Maria Tereza Uille Gomes
Luiz Fernando Bandeira de Mello Filho

Secretário-Geral
Valter Shuenquener de Araujo

Diretor-Geral
Johaness Eck

Secretário Especial de Programas, Pesquisas e Gestão Estratégica
Marcus Livio Gomes

Organização
Centro de Formação e Aperfeiçoamento
dos Servidores do Poder Judiciário

EXPEDIENTE

SECRETARIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Secretária de Comunicação Social
Juliana Neiva

Projeto gráfico
Virgínia Gomes

Revisão
Carmem Menezes

2021

CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA
SAF SUL Quadra 2 Lotes 5/6 - CEP: 70070-600
Endereço eletrônico: www.cnj.jus.br

CURSO
COMUNICAÇÃO SOCIAL, JUDICIÁRIO E DIVERSIDADE ÉTNICO-RACIAL

CEAJUD

UNIDADE 4:

A comunicação e a linguagem racial



Conteúdo

4.1. A relação entre a comunicação e o tema da igualdade racial 5

4.2. A representação de pessoas negras na comunicação do Judiciário 6

4.3. Linguagem e identidade racial 7

4.4. Linguagem inclusiva e a questão racial 8

4.5. Termos racistas a evitar ou ressignificar 9

BIBLIOGRAFIA 13



4.1. A relação entre a comunicação e o tema da igualdade racial

No livro "O perigo de uma história única", a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie nos mostra, de forma leve e descontraída, de que forma conhecer os fatos por meio de uma única perspectiva pode influenciar nossa visão de mundo.

Adichie conclui que a forma como as histórias "são contadas, quem as contam, quando são contadas e quantas são contadas depende muito de **relações de poder"**.

Considerando tudo o que foi visto nas unidades anteriores e tendo em vista que **o racismo estrutura as relações de poder**, de modo que pessoas negras sejam sempre qualificadas como menos capazes ou qualificadas de forma a mantê-las em condições de subalternização, é importante que possamos compreender de que forma a Comunicação Social contribui para a manutenção de um status quo que mantém a desigualdade racial e, principalmente, o que podemos fazer para combater isso.



4.2. A representação de pessoas negras na comunicação do Judiciário

A magistratura brasileira é composta, predominantemente, por pessoas brancas. Pesquisas do Conselho Nacional de Justiça (CNJ) e da Associação dos Magistrados Brasileiros (AMB) indicam o perfil da magistratura como sendo, em sua maioria, homens brancos de classe média e alta.

Juízes e juízas negros representam cerca de 18,1%, e diversas iniciativas, como visto nas unidades anteriores, estão em andamento para fomentar uma maior diversidade nos quadros do Poder Judiciário.

Não obstante, é importante que também a representação de pessoas negras na comunicação institucional do Judiciário seja ampliada, como forma de promover inclusão pela via da modificação de padrões culturais, uma vez que a Comunicação Institucional contribui para a formação de uma cultura institucional que se reflete na sociedade.

Nesse sentido, pessoas negras devem participar de todas as campanhas promovidas pelos Tribunais, seja como servidores (as), magistrados (as), público externo e demais integrantes do sistema de justiça, uma vez que embora ainda sejam minoria, pessoas negras estão em todos esses espaços, exercendo as mais diversas funções e, por isso, precisam ser representadas, pois, caso contrário, permanecerão invisibilizadas, como tem acontecido na história de nosso país.



4.3. Linguagem e identidade racial

O tema "linguagem" é bastante amplo e suscita inúmeras polêmicas quando se trata de racismo e linguagem inclusiva.

Para os fins do presente curso, nos embasaremos na hipótese do professor Gabriel Nascimento, segundo o qual "o racismo é produzido nas condições históricas, econômicas, culturais e políticas, e nelas se firma, mas é a partir da língua que ele materializa suas formas de dominação" (NASCIMENTO, 2019; p. 19).

Esta dominação por meio da linguagem pode ser percebida, por exemplo, na construção da narrativa das invasões que levaram à colonização das Américas. Até recentemente, tais empreendimentos eram narrados como "Grandes Descobrimentos", quando, na verdade, os povos nativos das Américas estavam por aqui muito antes de serem "descobertos" e o que se deu foi a invasão de seus territórios pelos europeus, com um processo de genocídio dos povos nativos que tem sido reconstruído discursivamente para que a verdade venha à tona.

Da mesma forma, os livros de história utilizados na educação infantil, frequentemente, apresentavam o processo de escravização como algo natural e romantizado, sem as lutas e revoltas que marcaram todo o processo. Até mesmo os autores que tivemos acesso em nossa formação educacional, em regra, não incluíram autores e/ou autoras negros, em uma forma de "epistemicídio", isto é, um racismo epistêmico que "invalida consciente ou inconscientemente qualquer perspectiva de conhecimento que não seja Ocidental e branca" (GONZALEZ, 2018; p. 27).

Por tudo isso, o campo da linguagem é um importante campo em disputa na luta antirracista.

Ainda sobre a importância da linguagem, a intelectual negra Lélia Gonzales lembra que "o racismo, enquanto discurso, situa-se entre os discursos de exclusão, o grupo por ele excluído é tratado como objeto e não como sujeito" (GONZALEZ, 2018).

Por fim, destaca-se o conceito de "pretuguês", também cunhado por Lélia Gonzalez para dizer de um português africanizado, decorrência do convívio das crianças brancas com as chamadas "mães pretas", mulheres negras escravizadas que trabalhavam na "Casa Grande" como amas de leite (GONZALEZ, 2018).



4.4. Linguagem inclusiva e a questão racial

Atualmente, a linguagem inclusiva vem ganhando espaço no meio acadêmico e nos movimentos pela inclusão de grupos vulneráveis.

Podemos entender como comunicação inclusiva aquela que "usa linguagem de amplo entendimento (não excluindo pessoas com baixa escolaridade, ou que não tenham conhecimento de outros idiomas); usa as terminologias corretamente; **não reproduz estereótipos, mas traz representatividade**; respeita, valoriza e dá voz à pluralidade da população".

Assim, os/as profissionais da área de Comunicação devem estar atentos/as para contemplar por meio da linguagem todos os grupos, sem qualquer estereótipo, mas de forma a fazer com que os grupos vulneráveis, frequentemente esquecidos ou marginalizados, também façam parte das estratégias de comunicação e campanhas promovidas pelas instituições.

No que tange à questão racial, a comunicação inclusiva deve respeitar as pessoas pretas e pardas, evitando o uso de termos racistas e que possam reforçar preconceitos e estereótipos.



4.5. Termos racistas a evitar ou ressignificar

Embora não haja unanimidade, alguns termos têm sido apontados como de cunho racista e que devem ser abolidos e/ou ressignificados.

Reproduzimos, a seguir, com algumas adaptações, termos publicados no site do Geledés Instituto da Mulher Negra, em artigo de autoria de Stephanie Ribeiro, e na Cartilha Racismo nas Palavras, produzida pela Associação dos Magistrados de Pernambuco (AMAPE):

"LISTA NEGRA"

Uma pessoa estar na "lista negra" significa que ela está em uma lista de restrições, que não poderá frequentar determinados ambientes ou realizar determinadas atividades, o que associa a palavra "negra" a um atributo negativo.

Sugestão: Lista de restrições

"DIA DE BRANCO"

O sentido do termo é controvertido. De toda forma, a associação é de atributo positivo às pessoas brancas em detrimento de pessoas negras. Assim, recomenda-se a sua substituição.

"SERVIÇO DE PRETO"

Comum no nosso dia a dia, essa expressão é usada para desqualificar determinado esforço e/ou trabalho, ou seja, fazer "serviço de preto" é igual a ser desleixado. O negro sempre é associado a algo ruim, o "bom" trabalho seria o do branco.

"A COISA TÁ PRETA"

A expressão "a coisa tá preta" fala por si só: se a coisa está preta, é porque ela não está agradável, ou seja, uma situação desconfortável é o mesmo que uma situação negra? Isso é racismo.

Sugestão: A coisa está difícil.



“MERCADO NEGRO”

O mercado negro é aquele que promove ações ilegais, e mais uma vez é a palavra negro sendo usada com conotação desfavorável. O negro, na expressão, significa ilícito.

Sugestão: Mercado ilegal.

“DENEGRIR”

Já a palavra “denegrir” é recorrente quando acreditamos que estamos sendo difamados, é uma palavra vista como pejorativa, porém seu real significado é “tornar negro”. Se tornar algo negro é maldoso, temos mais um caso de racismo.

Sugestão: Difamar.

“INVEJA BRANCA”

Finalizando a leva de palavras e expressões que associam negro e preto a comportamentos negativos, este exemplo mostra a “inveja branca” como sendo a inveja boa, “positiva”.

Sugestão: Simplesmente elogie.

“DA COR DO PECADO”

Outra expressão que faz a mesma associação de que negro = negativo, só que de forma mais subliminar, não recorrendo a termos como negro ou preto. Geralmente essa expressão é usada como elogio, porém vivemos em uma sociedade pautada na religião, onde pecar não é nada positivo, ser pecador é errado, e ter a sua pele associada ao pecado significa que ela é ruim. Não é uma expressão que remete a um adjetivo positivo, é simplesmente uma ofensa racista mascarada de exaltação à estética e, quase sempre, direcionada a mulheres negras.

“MORENA”, “MULATA”

Usado para mulheres e homens, mas mais comum serem usadas para descrever as mulheres, principalmente quando seguidas pelo termo “tipo exportação”. Aqui o objetivo é amenizar o que somos, “clareando” o negro. Não existe justificativa para negar que alguém é negro, possivelmente você pode estar incomodado em dizer “negro”, e se está é porque acredita que chamar alguém de negro é ofensivo, sendo assim embranquece a pessoa – transformando-a em “morena” ou “mulata”, e isso é racismo.



NEGRA "DE BELEZA EXÓTICA" OU COM "TRAÇOS FINOS"

Quando se imagina que ser uma mulher negra bonita é ser "tipo exportação", ter "traços finos" e assim poder ser a dona de uma "beleza exótica". Ser negro e poder ser considerado bonito está relacionado a não ter traços negros, mas sim aqueles próximos ao que a branquitude pauta como belo, que é o padrão de beleza europeu. Por isso, também é considerado uma forma de racismo.

"NÃO SOU TUAS NEGAS"

Facilmente explicável se lembrarmos de que quando se tratava do comportamento para com as mulheres negras escravizadas, assédios e estupros eram recorrentes. A frase deixa explícita que com as negras se pode tudo, e com as demais não se pode fazer o mesmo, e nesse tudo está incluso desfazer, assediar, maltratar, etc.

"CABELO RUIM", "CABELO DE BOMBRIL", "CABELO DURO" E, A MAIS DESNECESSÁRIA, "QUANDO NÃO ESTÁ PRESO ESTÁ ARMADO"

A questão da negação da estética de pessoas negras é sempre comum quando vão se referir ao cabelo Afro. São falas racistas usadas, principalmente na fase da infância, pelos colegas, porém que se perpetuam em universidades, ambientes de trabalho e até em programas de televisão, com a presença negra aumentando na mídia. Falar mal das características dos cabelos dos negros também é racismo.

"NASCEU COM UM PÉ NA COZINHA"

Expressão que faz associação com as origens, "ter o pé na cozinha" é literalmente ter origens negras. A mulher negra é sempre associada aos serviços domésticos, já que as escravizadas podiam ficar dentro das casas grandes na parte da cozinha, onde, inclusive, dormiam no chão (sua presença dentro da casa grande facilitava o assédio e estupro por parte dos senhores). Pós-abolição, as mulheres negras continuam estereotipadas como as mulheres da cozinha, já que são maioria nos serviços domésticos.

"BARRIGA SUJA"

Outro termo que faz relação à origem é usado quando a mulher tem um filho negro. Se ela teve um filho negro, algo impuro – como uma "barriga suja" – explica esse fato.



“CRIADO MUDO”

O nome do móvel que geralmente é colocado na cabeceira da cama vem de um dos papéis desempenhados por pessoas escravizadas dentro da casa dos senhores brancos: o de segurar a coisa para seus “donos”. Como o empregado não podia fazer barulho, era chamado de criado mudo. A expressão faz referência a essas pessoas.

Sugestão: Mesa de cabeceira.

“COR DE PELE”

Termo usado para expressar o tom de pele mais rosado ou bege, mais próximo de pessoas brancas, quando, na verdade, a pele das pessoas negras também é cor de pele. Logo, a cor da pele é de todas as cores.

Sugestão: Cor.

“NHACA”

O termo diz respeito a cheiro ruim, forte odor. No entanto, Inhaca é uma ilha de Maputo, em Moçambique, onde vivem até hoje os povos Nhaca.

Sugestão: mau cheiro.



BIBLIOGRAFIA

GONZALEZ, L. **Primavera para rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa**. São Paulo: Editora Filhos da África, 2018. 486 p.

NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico**. Belo Horizonte: Letramento, 2019. 124 p.

CEAJUD

CNJ CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA | Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Servidores do Poder Judiciário

